

Segue as instruções:



• ANTES DA LEITURA

- Atenta no título e tenta perceber de que trata o texto.
- Lê todos os excertos.
- Concentra-te e procura pormenores que te podem ajudar.

• DURANTE A LEITURA

- Lê os fragmentos e sublinha as partes que contenham a informação relevante (se a tua ficha for online, toma nota no teu caderno): tema do fragmento, articuladores discursivos, palavras que fazem referência a elementos mencionados noutro fragmento, etc.

• DEPOIS DA LEITURA

- Relê o texto que leste e verifica a tua ordenação.

O que é?

Coesão e coerência



Vai uma ajuda?

Quando escreves ou lês um texto, tens de tomar sempre atenção a estes dois aspetos. O que são?

Coerência textual

→ parte relacionada com o **sentido**, com o mundo das ideias, da lógica (isto é, as ideias ou informações são transmitidas respeitando uma sequência lógica)

Coesão textual

→ respeita à parte gramatical, à estrutura; compreende o uso de palavras – conjunções, preposições, advérbios, pronomes, artigos, locuções adverbiais – que marcam a transição, a passagem de uma ideia para outra, sem ambiguidades).

Lê e reflete!

O texto que se segue encontra-se cortado em partes e desordenado.

Lê todos os fragmentos e tenta encontrar alguns indícios que te posam ajudar:

- Resume as ideias principais de cada fragmento para encontrares a sequência lógica da exposição que elas transmitem → **coerência textual** (toma notas no teu caderno).
- Identifica as palavras que te permitem estabelecer pontes entre os fragmentos aqui apresentados → **coesão textual**.



Falar português em Portugal



Para mim, um dos problemas maiores foi o inglês. Para algumas pessoas que trabalham no turismo há dois tipos de pessoas: os portugueses, que falam português, e os turistas, que falam inglês, todos, sem exceção. O turista que fala português comete uma transgressão dos limites estabelecidos. Assim pode acontecer que um empregado português fale obstinadamente inglês com um turista sem se interessar por aquilo que o turista lhe diz em português. Para ele, é mais importante manter os papéis prescritos – eu Tarzan, tu Jane – do que comunicar com o cliente. Fiz esta experiência mais uma vez ao comprar as passagens da Madeira para Porto Santo. O empregado compreendeu perfeitamente o que eu lhe disse em português, mas respondeu-me num inglês que nem eu nem a minha mulher fomos capazes de entender. Mas é preciso ser justo: a maioria dos empregados turísticos da Madeira e do Porto Santo têm um nível de inglês e de francês muito alto, e também há muitas pessoas que perguntam que língua o turista fala, ou prefere falar. Também há homens e mulheres que falam alemão e que, ao perceber que sou suíço, querem praticar comigo a língua do meu país. Neste caso, fica claro que eu devo adaptar-me aos desejos dos interlocutores.

O que também contribui para a atrapalhão é a situação de, ao estar no país, o turista está repentinamente tão metido na língua estrangeira que lhe falta a distância que, ao estar em casa, em frente do computador ou lendo um livro, lhe permite procurar tranquilamente a palavra ou a forma gramatical adequada. A situação nova muda radicalmente a ótica. Na situação artificial, de aprendizagem, olha para a língua estrangeira num ângulo obtuso, ou seja, é capaz de abranger as suas possibilidades linguísticas quase na sua totalidade; mas na situação “real”, por exemplo, na loja em Portugal, o seu ângulo de visão é agudo: ele acede apenas a uma pequena parte dos seus conhecimentos da língua estrangeira.

Não é minha intenção escrever um texto sarcástico. Tivemos contactos muito positivos com pessoas portuguesas, tivemos muitas conversas agradáveis e enriquecedoras, por exemplo, com duas donas de hotel, com alguns empregados, com taxistas, etc. Percebi mais uma vez que rica é a língua portuguesa, e quantas maneiras existem de a falar, quantas palavras, quantas expressões existem que eu não conheço. Em cada aldeia, cada cidade, cada bairro, cada bar, o português tem a sua cor, a sua música, o seu ritmo próprio. Às vezes tive a impressão de estar em casa, outras vezes longe na África ou na China. Resumindo e concluindo: ainda estou longe de saber bem o português, o meu processo de aprendizagem apenas começou.

Uma, talvez a primeira, é que, ao estar no país, uma pessoa precisa de se exprimir espontaneamente, em frases curtas, precisas, sobre objetos vulgares da vida de dia-a-dia. «Onde é a casa de banho?», «Há palitos na sua loja?», «Onde é que encontro os atacadores?». É preciso perguntar rapidamente e estar atento à resposta que, dependendo do lugar onde estamos, da procedência do interlocutor, da sua idade e da sua formação, tem o seu idioleto. Um obstáculo tremendo é o facto de os portugueses não estarem habituados a que um turista fale a sua língua. E, na verdade, mesmo se souber português, não o fala propriamente. A sua pronúncia é estranha, a maneira de expressar-se também. Em resultado disso, a empregada na loja, no restaurante, no hotel, não percebe que o turista lhe está a falar em português e então também não percebe a sua mensagem e começa a falar em inglês. O turista sabe inglês, mas não tem vontade de falar em Portugal, com os portugueses, numa terceira língua. Atrapalha-se e não se lembra das palavras mais comuns. Tudo o que aprendeu em casa se quebra em cacos.

As férias já fazem parte do passado. Estou pela primeira vez (depois das férias) em frente do ecrã a tentar de escrever um texto sobre as férias. Não é fácil. A língua portuguesa em Portugal ficou ainda mais estranha para mim. Tenho de aproximar-me dela mais uma vez, e de uma maneira diferente. Isto por várias razões.

Texto de Markus Schmid, publicado no *Ciberdúvidas*, a 7 de maio de 2014 (texto com adaptações).
Texto disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/falar-portugues-em-portugal/2943>

Atividade

1. Enumera cada um dos espaços em branco em cada um dos fragmentos, de forma a ordenares as partes do texto e a restituir o seu sentido global.

Verifica!

2. Repara no início e no final de cada fragmento. Preenche os espaços em branco, de forma a confirmares se a tua ordem é correta.

a) No parágrafo que começa por “Uma, talvez a primeira, é que...”, a palavra “primeira” refere-se a .

b) Este parágrafo termina com a ideia de que o estrangeiro fica desorientado, expressa na forma verbal , que depois vamos encontrar noutro fragmento sob a forma de um nome, . Há ainda uma referência ao que lhe provoca incómodo; no parágrafo seguinte, o advérbio de inclusão indica que se vai adicionar outra ideia.

c) A expressão é um articulador discursivo que serve para concluir um texto.

d) O parágrafo que sobra apresenta uma visão pessoal e é iniciado pelo articulador discursivo . Este parágrafo apresenta uma visão particular que se sucede a uma visão do problema mais geral.

Avalia!

Como te sentiste com este exercício?

Assinala com um X a opção que melhor corresponde ao que sentes:

Ainda não consegui entender bem.	Já consigo entender melhor, mas ainda tenho dificuldades.	Já consigo fazer, mas tenho dúvidas.	Já consigo fazer, mas ainda preciso de treinar mais.	Já consigo fazer e sinto-me preparado(a) para o exercício seguinte
----------------------------------	---	--------------------------------------	--	--

Bom trabalho!